

Por uma catequese ecológica: caminhos para uma ecologia integral na formação de catequistas

Marcelo Luiz Machado*

CELAM

CONSEJO
LATINOAMERICANO Y CARIBENEO

Resumo

A atividade catequética, parte integrante de todo processo iniciático da fé, é uma das tarefas primordiais na ação evangelizadora da Igreja. Reconhecendo este mérito, não faltam iniciativas de projetos pastorais que busquem alcançar os inúmeros sujeitos que participam da missão de ensinar a fé cristã. Tem provocado muitas reflexões o projeto social do Papa Francisco de levar à Igreja e a todas as pessoas de boa vontade, no desejo de uma Ecologia Integral e, a partir dela, salvaguardar as relações humanas e como estes homens e mulheres também se preocupam com a Casa Comum e com o presente e futuro da humanidade. Diante disso, a Igreja também deseja que se promova, conscientemente, uma adequada formação com os catequistas e agentes comunitários que, no novo paradigma catequético no qual nos encontramos, assumamos também o desejo de viver a experiência de uma catequese ecológica integral, na justa medida que nos leve à responsabilidade social e à fraternidade universal.

Palavras-chaves: Ecologia integral, Papa Francisco, iniciação à vida cristã, catequese ecológica.

* Graduado em Filosofia e Teologia pelo Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto. Especialista em Pastoral Catequética pelo CEBITEPAL – CELAM. Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela mesma universidade. É coordenador da Comissão Pastoral de Animação Bíblico-Catequética do Regional Sul 1 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). É professor de Teologia, História, Catequese e Música Sacra na Arquidiocese de Ribeirão Preto (São Paulo – Brasil).



For an ecological catechesis: Paths to an integral ecology in the formation of catechists

Abstract

Catechetical activity, an integral part of every initiatory faith process, is one of the primary tasks in the evangelizing action of the Church. That said, there is no lack of initiatives for pastoral projects that seek to reach the many people who participate in the teaching mission of the Christian faith. There are many reflections on Pope Francis' social project to bring to the Church and to all people of good will, the promotion of an Integral Ecology and, from there, safeguarding human relations and how all men and women also need to be concerned with the Common Home and with the present and future of humanity. In view of this, the Church also desires that an adequate formation of catechists and community workers be consciously promoted in the new catechetical paradigm in which we find ourselves to promote and live the experience of an integral ecological catechesis, that consequently leads us to greater social responsibility and universal fraternity.

Keywords: Integral ecology, Pope Francis, initiation to Christian life, ecological catechesis.



CELAM
CONFERÊNCIA EPISCOPAL
LATINO-AMERICANA E CARIBENHA

INTRODUÇÃO

Em ritmo de comemoração dos sessenta anos da realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, nada melhor do que percorrer as veias abertas deixadas pelo concílio, reapresentando projetos de renovação pastoral e cultivando terrenos para não perdermos o espírito de diálogo com o mundo moderno, nossa fidelidade à Tradição da Igreja e, sobretudo, comunicar a alegria da salvação em Jesus Cristo através do trabalho desafiador da catequese no processo iniciático da fé.

Com esta demarcação teológica fundamental, busca-se, neste artigo, de início compreender como a ideia de uma ecologia integral, posta pelo Papa Francisco à Igreja e a todo o mundo, foi sendo nutrida no ensino magisterial por herança conciliar. Sobretudo, há de ressaltar que a proposta de salvar a Casa Comum, com a devida clareza da Doutrina Social da Igreja, deseja superar o pensamento minimalista e empobrecido de uma suposta “teologia verde” em favor dos animaizinhos e da natureza, bastante promovida por plataformas digitais e grupos católicos.

Adiante, encontramos no ministério da catequese espaço providencial para alcançar o coração de toda a família e os dramas humanos pelos quais passam: dos filhos catequizandos e catecúmenos; e dos pais, que mínima ou integralmente acompanham seus filhos durante o processo catequético. É preciso entender como a catequese comunitária busca, à luz da iniciação cristã de inspiração catecumenal, ações determinantes quanto aos baluartes pedagógicos do binômio “fé e vida”, bandeira erguida



pela Igreja do Brasil desde a década de 1980, com a publicação do documento *Catequese Renovada*.

Num último momento, lançamos algumas propostas para o que se chamaria de uma “Catequese Ecológica Integral”, especialmente quando se fala da formação de catequistas, de forma que se conduza a uma conversão pastoral que fuja de um conservadorismo cego e desconhecedor do ensino doutrinal da Igreja Católica e abrace o que, de fato, a Igreja espera de seus discípulos: uma autêntica iniciação ao discipulado e à missão.

1. A ECOLOGIA INTEGRAL DE FRANCISCO

“Um ser humano que pretenda tomar o lugar de Deus torna-se o pior perigo para si mesmo” (Francisco 2023, 73), ecoa mais uma vez o Santo Padre aos rincões do mundo diante da crise ecológica, social e global pela qual passamos. O magistério social da Igreja não deixou passar despercebida esta situação crítica que se abate sobre a relação homem-natureza, sobretudo quanto às considerações de ordem moral que devem caracterizar toda atividade humana. Embora a modernidade tenha registrado sua capacidade transformadora em todas as dimensões planetárias —registrou o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI 2004)—, o “aspecto de conquista e de exploração dos recursos tornou-se predominante e invasivo, e hoje chega a ameaçar a própria capacidade acolhedora do ambiente: o ambiente como ‘recurso’ corre o perigo de ameaçar o ambiente como ‘casa’” (461).

Já nas últimas décadas do século passado, o teólogo Alfonso Garcia Rubio apontava com profetismo a crise ecológica como uma das interfaces da patologia humana instaurada na modernidade. E os sintomas se multiplicam: a poluição, o esgotamento das reservas naturais, a insuficiência de alimentos, a superpopulação e a tão pulsante corrida armamentista. É evidente, explica Rubio, que se

o cristianismo, por uma deficiente compreensão da teologia da criação, tem contribuído ao estabelecimento de uma relação falsa entre os seres humanos e o meio ambiente,

urge a conversão e a reorientação-teológico existencial dos cristãos e das Igrejas na direção de um posicionamento mais harmonioso entre o homem e a natureza².

É por isso que, através desta crise acentuada pela teologia, e não somente por ela, mas a partir de seus acenos, que os últimos Pontífices têm demonstrado interesse na consciência ecológica e na ação transformadora que a Igreja pode oferecer ao mundo quanto ao futuro da humanidade. Ao reafirmar o compromisso sócio-político dos cristãos, São Paulo VI, na carta apostólica *Ocatagesima Adveniens*, deixava transparecer sua dor quanto ao futuro da família humana, onde não só o ambiente material “se torna uma ameaça permanente, poluições e lixo, novas doenças, poder destruidor absoluto; é mesmo o quadro humano que o homem não consegue dominar, criando assim, para o dia de amanhã, um ambiente global, que poderá tornar-se lhe insuportável”³.

São João Paulo, na mesma esteira de reafirmar o compromisso social da Igreja, coloca-nos na encíclica *Centesimus Annus* que é urgente criar condições morais para uma autêntica “ecologia humana”, porque além da destruição irracional do ambiente natural, toca-nos uma mais grave ainda, a do ambiente humano e, “neste contexto, são de mencionar os graves problemas da moderna urbanização, a necessidade de um urbanismo preocupado com a vida das pessoas, bem como a devida atenção a uma ecologia social» do trabalho” (João Paulo II 1991, 38). Um pouco antes, em outra encíclica, lançava a semente do que denominou como a “espiritualidade cristã do trabalho”, expondo largamente as contribuições dos textos conciliares:

É necessário, sobretudo na época actual, que a espiritualidade do trabalho manifeste aquela maturidade que exigem as tensões e as inquietudes dos espíritos e dos corações: Longe de pensar que as obras do engenho e do poder humano se

² Alfonso Garcia, *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs* (São Paulo: Paulus, 2001), 545.

³ Paulo VI, “Epistula Apostólica *Octogésima Adveniens*”, AAS v. 63, n.º 6 (1971): 416.



opõem ao poder de Deus e de considerar a criatura racional como rival do Criador, os cristãos, ao contrário, estão bem persuadidos de que as vitórias do gênero humano são um sinal da grandeza de Deus e são fruto do seu desígnio inefável. Mas, quanto mais aumenta o poder dos homens, tanto mais se alarga o campo das suas responsabilidades, pessoais e comunitárias... A mensagem cristã não afasta os homens da tarefa de construir o mundo, nem os leva a desinteressar-se do bem dos seus semelhantes, mas, pelo contrário, obriga-os a aplicar-se a tudo isto por um dever ainda mais exigente⁴.

Seu sucessor, Bento XVI, continua reafirmando a solidariedade como princípio de desenvolvimento humano integral, deixando entrever sua crítica quanto à noção de eficiência tecnicista moderna. Esta ideia aparece na carta encíclica *Caritas in Veritate*, porque a Igreja “sente o seu peso de responsabilidade pela criação e... não tem apenas de defender a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos, mas deve sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo” (Bento XVI 2009, 51). E, no mesmo número, apresenta —entre tantas alegorias— a atenção diante do livro indivisível da natureza:

Para preservar a natureza não basta intervir com incentivos ou penalizações econômicas, nem é suficiente uma instrução adequada. Trata-se de instrumentos importantes, mas o problema decisivo é a solidez moral da sociedade em geral. Se não é respeitado o direito à vida e à morte natural, se se tornam artificiais a concepção, a gestação e o nascimento do homem, se são sacrificados embriões humanos na pesquisa, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o de ecologia ambiental. É uma contradição pedir às novas gerações o respeito do ambiente natural, quando a educação e as leis não as ajudam a respeitar-se a si mesmas. O livro da natureza é uno e indivisível, tanto sobre a vertente do ambiente como sobre a vertente da vida, da sexualidade, do matrimônio, da família,

⁴ João Paulo II, “Litterae Encyclicae *Laborem Exercens*”, *AAS* v. 73, n.º 9 (1981): 25.

das relações sociais, numa palavra, do desenvolvimento humano integral⁵.

A instrução do Compêndio também acena na busca de um caminho de solidariedade humana que condene a postura utilitarista da natureza como mero objeto de manipulação, de um lado, e a sua divinização, por outro, como um “ecocentrismo” que propõe eliminar uma diferença “ontológica e axiológica entre o homem e os outros seres vivos, considerando a biosfera como uma unidade biótica de valor indiferenciado. Chega-se assim a eliminar a superior responsabilidade do homem, em favor de uma consideração igualitária da ‘dignidade’ de todos os seres vivos”⁶.

Em *Vamos sonhar juntos*, Papa Francisco precisou dizer com clareza o que foi ventilado por alguns grupos que, no mínimo, possuem uma formação teológica deficitária e/ou desconexa com a experiência da Tradição Católica⁷ do último século:

“*Laudato si’* não é uma encíclica ‘verde’. É uma encíclica social. O verde e o social caminham juntos: o destino da Criação está unido ao destino de toda a humanidade” (Francisco 2020, 39-40). E, lamentando, continua: “não é uma questão de ideologia. É uma realidade que nos ameaça. A humanidade está cada vez mais doente, assim como nossa casa em comum, nosso ambiente, nossa Criação”⁸. É inevitável não recordar o que o bispo brasileiro

⁵ Bento XVI, “*Litterae Encyclicae Caritas in Veritate*”, AAS, v. 101, n.º 8 (2009): 51.

⁶ Consejo Pontificio “*Justicia y Paz*”, *Compendio de la Doctrina Social de la Iglesia* (Bogotá: CELAM, 2006), n.º 463.

⁷ O professor americano metodista Joerg Rieger, ao demonstrar sua preocupação teológica com aqueles que se encontram no “andar de baixo de história”, os seja, os mais empobrecidos e miseráveis, desabafa: “Para entender a contribuição potencial das pessoas do andar de baixo para a reflexão teológica, precisamos ver que papel desempenharam até aqui. Embora a teologia moderna tenha criado uma nova preocupação com os ‘sinais dos tempos’, para usar a famosa expressão que permeou o Concílio Vaticano II, poucos tiveram a coragem de lidar com o andar de baixo desses sinais. [...] Esse paradoxo aponta uma importante cegueira da teologia contemporânea”. Rieger, Joerg, *Lembrar-se dos pobres. O desafio da teologia no século XXI*, São Paulo: Loyola, 2009. 21.

⁸ Francisco, *Vamos sonhar juntos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020, 40. É triste notar que, atualmente, as publicações sobre a doutrina social da Igreja têm sido lidas, acolhidas



dom Helder Câmara sempre dizia, no seu ministério pastoral junto aos mais pequenos: *Se dou pão aos pobres, dizem que sou santo; se pergunto por que passam fome, dizem que sou comunista!*

Ao findar o Sínodo Extraordinário da Amazônia, o papa partilhava sobre o sonho social que urgia superar o “paradigma tecnocrático” com uma lógica que acaba por o limite imposto pelo valor do outro. É uma clara referência ao projeto de “civilização do amor”, de São Paulo VI, e para falar sobre o amor no mundo e sobre a pobreza —tema muito solicitado pelos padres conciliares e postergado pelo papa— publica, em 1967, a encíclica *Populorum Progressio*:

Os povos nativos viram muitas vezes, impotentes, a destruição do ambiente natural que lhes permitia alimentar-se, curar-se, sobreviver e conservar um estilo de vida e uma cultura que lhes dava identidade e sentido. A disparidade de poder é enorme, os fracos não têm recursos para se defender, enquanto o vencedor continua a levar tudo, «os povos pobres ficam sempre pobres e os ricos tornam-se cada vez mais ricos»⁹.

As palavras de Francisco ecoam por todo o mundo porque são acompanhadas por gestos basilares que tocam o coração da fé cristã, isto é, a prática do mandamento do amor. É o momento decisivo de socorrer os homens e mulheres de nosso tempo, como o bom samaritano, que antes de mover-se pela crença, deixou-se levar pelo amor. Seria demasiado listar aqui os gestos do pontífice nos últimos dez anos, mas alguns deles continuam a nos surpreender: a sua primeira visita à Ilha de Lampedusa junto aos refugiados, em 2013; a distribuição de donativos, guarda-chuvas e sacos de dormir aos que ficavam nas estações ferroviárias romanas, em 2015; a instalação de uma lavanderia em Roma para ofereceu roupa limpa

e propagadas mais fora da Igreja Católica do que dentro da própria instituição. É uma deficiência teológica e pastoral que precisa ser amadurecida especialmente nos seminários e centros de formação presbiteral.

⁹ Francisco, “Adhortatio Apostolica postsynodalis Querida Amazonia”, n. 13. AAS. v. 112, n. 3 (2020).

e passada aos moradores de rua, em 2017; e algo que ficou como uma marca registrada, o lava-pés dentro das penitenciárias, ao dizer francamente que *Deus perdoa tudo e perdoa sempre!* Não foi por acaso que o cardeal brasileiro dom Cláudio Hummes, no momento da eleição de Bergoglio o disse: *Por favor, não se esqueça dos pobres [...]*.

E o que seria a ecologia integral de Francisco que tem chamado tanto a atenção do mundo? Ouçamos o que ele mesmo confidenciou:

Na *Laudato si'*, falei de uma mentalidade distorcida conhecida como “paradigma tecnocrático”. É uma lógica que despreza o limite imposto pelo valor do outro. Na ocasião, argumentei que é necessária uma conversão ecológica para evitar que a humanidade não apenas destrua a natureza, mas também a si mesma. Fiz um apelo em favor de uma “ecologia integral”, que vai muito além do cuidado com a natureza; trata-se de cuidarmos uns dos outros como criaturas de um Deus que nos ama, e de tudo o que isso envolve.

[...] Por isso acredito que o futuro que somos chamados a construir precisa de uma ecologia integral, que leve a sério a deterioração cultural e ética que caminha de mãos dadas com a nossa crise ecológica. O individualismo trazido pelo paradigma tecnocrático tem consequências¹⁰.

Francisco reserva um capítulo exclusivo¹¹ nesta carta encíclica para tratar sobre a ecologia integral. Tendo como pressuposto a relação crítica entre a natureza e a sociedade, não se pode continuar a projetar “a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos”¹². Neste sentido, o sacerdote e teólogo

¹⁰ Francisco, “Querida Amazonia”, n. 139.

¹¹ No capítulo IV da encíclica *Laudato si'*, o Papa apresenta os diversos elementos que compõem o que chamou de uma ecologia integral, que integra uma ecologia ambiental, social, econômica, cultural, da vida cotidiana e que contemple, como horizonte humano e de fé. O bem comum e a justiça intergeracional (137-162).

¹² Francisco, “Litterae Encyclicae *Laudato si'* de communi domo colenda”, n. 139. AAS v. 107, n. 9 (2015).



Adolphe Gesché (1928-2003) já denunciava esta lacuna de cunho cosmológico na teologia católica, problematizando como seria fundamental uma autêntica teologia da criação e do cosmos. Sem menosprezar a ascensão ética e antropológica na teologia especulativa no período pós-conciliar, é preciso retomar a autêntica relação antropológica homem-cosmos-Deus: “a questão que se apresenta é saber se, se para salvar a empreitada que foi descoberta nessa renovação antropológica, não seria conveniente reatar com o cosmo e com a natureza”¹³.

Em comunhão ao que tantos teólogos latino-americanos propunham como desafios à teologia, vale-nos ainda a urgência teológica de Rieger:

precisamos passar do “teologizar sobre uma Igreja ideal” para o “analisar a Igreja real. A nova visão teológica não pode originar-se de caridades bem-intencionadas, sonhos utópicos, ativismo político voluntarioso ou falsas culpabilidades moralistas. Um olhar autocrítico sobre a teologia em verdadeira solidariedade com as vítimas ajudará a clarear a visão”¹⁴.

Em sua última encíclica, o papa retoma desde uma autocrítica o tema da solidariedade e o uso essencialmente evangélico da palavra fraternidade. Na verdade, já havia expressado esta ideia tempos antes:

A palavra-chave que hoje, mais do que qualquer outra, exprime a exigência de superar tal dicotomia é «fraternidade», termo evangélico, retomado pelo lema da Revolução francesa, mas que em seguida a ordem pós-revolucionária abandonou —pelos conhecidos motivos— até ao seu cancelamento do léxico da política e da economia. Foi o testemunho evangélico de São Francisco, com a sua escola de pensamento, que atribuiu a este termo o

¹³ Gesché, Adolphe, *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004, 21.

¹⁴ Rieger, Joerg, *Lembrar-se dos pobres*, 27.

significado que sucessivamente se conservou ao longo dos séculos, ou seja, de constituir o complemento e ao mesmo tempo a exaltação do princípio de solidariedade. Com efeito, enquanto a solidariedade é o princípio de planificação social que permite aos desiguais tornar-se iguais, a fraternidade é o princípio que permite aos iguais ser pessoas diferentes. A fraternidade consente que pessoas que são iguais na sua essência, dignidade, liberdade e direitos fundamentais, participem diversamente no bem comum, em conformidade com a sua capacidade, o seu plano de vida, a sua vocação, o seu trabalho ou o seu carisma de serviço¹⁵.

Retomando o valor da fraternidade, em *Fratelli Tutti*, o papa propõe um compromisso social e humanitário que acaba por exceder à própria instituição católica, como um compromisso de todos, como irmãos e irmãs, frente à cultura do cancelamento que vivemos de forma tão intensa a partir de um mundo digital que também se tornou real:

perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade¹⁶.

2. FÉ E VIDA: O MOTOR DA COMUNIDADE CRISTÃ

No início da exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, São João Paulo II selou a missão fundamental de todo trabalho catequético de iniciação cristã, como uma —e porque não dizer a primeira— das suas tarefas primordiais, a missão de evangelizar. É o momento

¹⁵ Francisco, *Mensagem do Papa Francisco à presidente da Pontifícia Academia das Ciências Sociais por ocasião da sessão plenária*. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170424_messaggio-accademia-scienze-sociali.html.

¹⁶ Francisco, “Querida Amazonia”, n. 6.



de nutrir a fé no coração do crente desde a conversão e a sua participação na vida nova em Cristo dentro da comunidade. E esta fé, como dom de Deus e ato pessoal, não pode ser vivida de forma individualizada; pelo contrário, é também comunitária e relacional. É preocupante perceber como que o espírito da pós-modernidade, unido às mídias sociais —que se tornou hoje parte integrante do dia-a-dia de todo ser humano— propagam um estilo de vida altamente privado, consumista e desapegado de qualquer atividade que o mova ao comunitário. Por isso que, como reafirmado no novo *Diretório para a Catequese*:

o cristão nasce do seio materno da Igreja; a sua fé é uma participação na fé eclesial que sempre o precede. De fato, o seu ato pessoal de fé representa a resposta à memória viva de um evento que a Igreja lhe transmitiu. Portanto, a fé do discípulo de Cristo é acesa, sustenta da e transmitida somente na comunhão da fé eclesial, na qual o ‘eu creio’ do Batismo se conjuga com o ‘nós cremos’ de toda a Igreja¹⁷.

A Igreja do Brasil se alegra com as comemorações dos 40 anos da publicação de *Catequese Renovada: orientações e conteúdo*, pelos bispos da CNBB, em 15 de abril de 1983. De fato, este documento abriu horizontes e serviu como texto-base orientador para milhares de catequistas e comunidades deste imenso país. É o primeiro texto oficial que, bebendo das fontes do Concílio Vaticano II, foi uma resposta direta ao apelo feito por São João Paulo II em sua primeira visita ao Brasil, quando falava aos bispos, em Fortaleza (10 de julho de 1980): “a catequese é uma urgência. Só posso admirar os pastores zelosos que em suas Igrejas procuram responder concretamente a essa urgência, fazendo da catequese uma prioridade”.

De forma evidente, toda experiência e método catequético precisam obedecer ao que o documento chamou de “princípio da interação ou da interpelação”: entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado

¹⁷ Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, *Diretório para a Catequese*, n. 21.

da Tradição. De um lado, a experiência de vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é a busca e explicação de respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com Ele, que ultrapassa a busca e as expectativas humanas; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo¹⁸.

De maneira bastante prática, este documento não só caiu no gosto dos catequistas leigos, como também é portador de uma mensagem que não envelheceu. Os seus “critérios e conteúdo” continuam a iluminar a missão evangelizadora, desde uma perspectiva de anúncio e vida plena a todos. Este processo catequético de interação entre a fé e a vida também une a “dimensão pessoal e comunitária; a instrução doutrinária e educação integral; a conversão a Deus e a atuação transformadora da realidade; a celebração dos mistérios e a caminhada com o povo”¹⁹. Mais tarde, o documento 107 dos bispos, sobre a *Iniciação à Vida Cristã – itinerário para formar discípulos missionários* irá, acertadamente, estabelecer que na formação de catequistas, introdutores e ministros das comunidades, três pilares formativos são irrenunciáveis: as *Sagradas Escrituras*, fonte primeira da catequese; também o *Catecismo da Igreja Católica*, que oferece um compêndio doutrinal da Tradição da Igreja, bem como o *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, pois todo esse “conhecimento deve estar ligado à vida, com suas alegrias e problemas, que devem ser iluminados pelo conteúdo de nossa fé”²⁰ (CNBB 2017, 178).

A iniciação à vida cristã se dá, sobretudo, no encontro pessoal com Jesus Cristo. E este encontro se manifesta em diversos grupos e lugares, nos quais alguns deles destacamos ao longo do texto. E toda experiência latino-americana tem sido ricamente compartilhada desde as bases de nossas comunidades. O Departamento de

¹⁸ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. *Catequese Renovada: orientações e conteúdo* (São Paulo: Paulinas, 1983), 113.

¹⁹ CNBB. *Catequese Renovada* (1983), 29.

²⁰ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã* (2017), 178.



Missão e Espiritualidade do CELAM publicou *La alegría de iniciar discípulos misioneros en el cambio de época*, e que, embora breve, sintetiza muito bem o caminho percorrido no processo iniciático que carrega, inclusive, o frescor de reapresentar o método teológico desde os momentos de *contemplar* a realidade, *discernir* desde a luz da Palavra de Deus e da Igreja, e *propor* linhas e projetos de ação pastoral. Sobre o motor de interação fé-vida, comenta:

A comunidade deve estar consciente de que o processo de iniciação não é meramente doutrinal, mas experiencial, que parte da experiência familiar e leva a promover uma cultura do encontro. A iniciação à vida em comunidade se complementa com a iniciação ao descobrimento de Deus presente nos pobres, nas periferias humanas e urbanas e nos novos âmbitos socioculturais²¹.

3. À GUIA DE CONCLUSÃO: AÇÕES PASTORAIS PARA UMA CATEQUESE ECOLÓGICA INTEGRAL

Com este novo paradigma catequético que vai se firmando em meio aos ventos que sopram anunciando um novo tempo, os catequistas, vivendo fielmente seu ministério, também buscam uma formação adequada a esta mudança de época. A missão do catequista como testemunha da fé, como mistagogo e pedagogo é tocada na instrução *Antiquum Ministerium* para tratar da coerência e responsabilidade neste ministério específico confiado pela Igreja aos leigos:

o Catequista é chamado, antes de mais nada, a exprimir a sua competência no serviço pastoral da transmissão da fé que se desenvolve nas suas diferentes etapas: desde o primeiro anúncio que introduz no querigma, passando pela instrução que torna conscientes da vida nova em Cristo e prepara de modo particular para os sacramentos da iniciação cristã, até à formação permanente que consente que cada batizado

²¹ Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM. *La alegría de iniciar discípulos misioneros en cambio de época* (Bogotá: Celam, 2015), 72.

esteja sempre pronto «a dar a razão da sua esperança a todo aquele que lha peça» (cf. *1Pd* 3, 15)²².

A partir da proposta de Francisco de uma ecologia integral e tendo em vista o dever da Igreja em oferecer formação adequada àqueles que se preparam para o ofício do ministério da catequese, propomos pelo menos três ações pastorais que demonstram a participação direta do catequista no desejo de salvar a Casa Comum, o nosso planeta, que continua a gemer, como em dores de parto (*Rm* 8,22).

a) Uma catequese promotora de autêntica conversão ecológica

Todo catequista, atento aos sinais dos tempos, deve buscar por primeiro, amparado em tantas pesquisas e documentos, uma autêntica conversão ecológica desde sua experiência particular. Ninguém pode dar aquilo que não tem. Na mesma medida, o testemunho fiel daquele que evangeliza é garantir a boa sementeira no solo preparado. A vocação de guardiões da obra de Deus, parte essencial da existência virtuosa, é a nota melodiosa do Papa Francisco: “Se os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos, a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior” (Francisco 2015, 217).

A conversão ecológica, para ele, é consequência da conversão pastoral de toda a Igreja, como lembraram os bispos latino-americanos na Conferência de Aparecida: a mudança de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária. É mudança de estruturas, de mentalidade e de corações, “fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária” (CELAM 2007, 370). E, em vista deste apelo, Francisco conclama:

²² Francisco, *Antiquum Ministerium, motu proprio* (Brasília: Edições CNBB. 2021), 6.



para se resolver uma situação tão complexa como esta que enfrenta o mundo actual, não basta que cada um seja melhor. Os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental e acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental. Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias²³.

b) Uma catequese de “corpo e alma” integrados

O DOCAT – a Doutrina Social da Igreja para os jovens, foi publicado pela Conferência Episcopal Austríaca e prefaciada pelo próprio Papa Francisco, em 2016. Aprovado pelo Dicastério da Evangelização, motivou o pontífice para uma ressignificação da doutrina:

Quando hoje vos convido realmente para conhecer a Doutrina Social da Igreja, não estou imaginando grupos que se sentam a discutir debaixo de uma árvore. Isso é bom! Fazei isso! Mas o meu sonho é maior: espero que um milhão de jovens, mais ainda, que uma geração inteira seja, para os seus contemporâneos, uma Doutrina Social em movimento. O mundo só mudará quando homens com Jesus se entregarem por ele, com ele forem para as periferias e para o meio da miséria²⁴.

É justamente esta “Doutrina Social em movimento” que esperamos que aconteça na catequese. Reapresentar a doutrina com um novo espírito e buscando os espaços das novas redes globais para isso. Da mesma forma que temos o Catecismo Jovem (YouCat, 2011), também foi apresentada a Bíblia Jovem (2015) e a Doutrina Social (DOCAT 2016). Mais uma vez reaparece o tripé de formação catequética. Mas um detalhe: tudo isso não pode

²³ Francisco, *Laudato si'*, n. 219.

²⁴ VV. AA, *Docat O que fazer? A Doutrina Social da Igreja* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 13.

acontecer apenas como uma nova reprodução gráfica com fotos coloridas, mapas e caixas de textos explicativas. Além do texto, é preciso mudar a abordagem com o interlocutor, a forma como se evangeliza e a disposição com que o catequista encontra terreno para se preparar bem para a missão que lhe foi confiada.

A iniciação à vida cristã, desde dentro, requer uma espiritualidade que faz a passagem da cabeça ao coração que sente, medita e venera. E todo espaço religioso o faz de alguma forma com seus ritos, símbolos, festas e doutrinas. E, para nós, cada um destes elementos ganha não só destaque, como também entremeiam, formando uma rede bem forte... a mesma rede jogada ao mar por Pedro, quando o Senhor ordenou: “Avança para águas mais profundas e lançaí vossas redes para a pesca!” (Lc 5,4).

Cultivar esta espiritualidade de um Evangelho Social em movimento (Messias; Cruz 2020) mostra-nos mais sensíveis e compassivos diante da dor do outro e ais respeitosos nas diferenças. E requer também uma boa revisão dos materiais catequéticos que utilizamos nas diversas etapas da evangelização —catequese matrimonial, batismal, infanto-juvenil e com adultos— bem como da metodologia e pedagogia aplicadas no dia-a-dia com nossos catequistas. Não basta mudar o “corpo” catequético. É urgente converter a “alma”, o espírito e o coração daqueles que são chamados a evangelizar. Dessa maneira, encontros formativos e de partilhas pastorais vão apresentados sinais concretos de uma catequese ecológica integral e missionária.

c) Uma catequese de justa medida diante dos excessos.

Um dos mais conhecidos historiadores de nossa época, Eric Hobsbawm, já previa o que poderia acontecer com o planeta no futuro:

Não sabemos para onde estamos indo. Contudo, uma coisa é certa: se a humanidade quer ter um futuro aceitável, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos



fracassar. E o preço do fracasso —ou seja, a alternativa da mudança da sociedade— é a escuridão²⁵.

E, diante de um mundo em ebulição, Leonardo Boff em *O pescador ambicioso e o peixe encantado*²⁶ enumera uma série de excessos que desequilibram a sustentabilidade e o bem-viver entre e a vida da natureza e a vida e as relações humanas: o poder do homem sobre a mulher; o ódio que gera a violência; os destemperados preconceitos e fundamentalismos religiosos; a acumulação de riquezas; a extração de bens naturais; o choque entre calor e frio exorbitantes; a erosão da biodiversidade. Por fim, durante sua apresentação, em meio às parábolas e narrativas, chega à conclusão a justa medida é possível de ser encontrada a partir de duas atitudes elementares: uma de *esperança* e outra de *renúncia*.

No primeiro caso, a atitude esperançosa é revelada como um motor interior, no qual é preciso abandonar a postura de transferir a mudança que deve acontecer aos outros ou à próxima geração. É pensar que posso mudar este pedaço de mundo que sou eu, sendo uma semente do novo dentro do velho mundo encarquilhado²⁷. E, par a par, renunciar a toda arrogância supremacista, racial, intelectual, religiosa e cultural, porque somos apenas hóspedes nesta Terra, o que chamaria —em outro texto que segue o mesmo tema, *A busca da justa medida: como equilibrar o planeta Terra*²⁸ de um “modo sustentável de vida e de convivência”, que encontra terreno fértil, primeiro, pela interdependência global, no qual passamos a um novo estado de consciência, e não mais dos limites entre as nações; e, segundo, pela responsabilidade universal, desde os princípios de prevenção e precaução, de tal modo que alcancemos o seguinte imperativo categórico: haja, de tal maneira e na medida justa, “que as consequências dos teus atos sejam boas para ti e boas para os

²⁵ Hobsbawn, Eric, *Era dos extremos. O breve século XX* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), 502.

²⁶ Boff, L., *O pescador ambicioso e o peixe encantado* (Petrópolis: Vozes, 2022).

²⁷ Boff, L., *O pescador ambicioso*, 105.

²⁸ Boff, Leonardo., *A busca da justa medida: como equilibrar o planeta Terra* (Petrópolis: Vozes, 2023), 72.

demais. Encontre aquele equilíbrio dinâmico que tenha como efeito a salvaguarda da vida, a preservação da vitalidade da natureza e reforce a integridade da Mãe Terra²⁹. Que possamos entoar o cântico dos salmos, de Francisco de Assis e de Francisco de Roma para o bem de toda a criação: *Laudate Deum!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bento XVI, “litterae Encyclicae *Caritas in Veritate*”, *AAS*, v. 101, n.º 8 (2009), 641-709.

Boff, Leonardo. *O pescador ambicioso e o peixe encantado*. Petrópolis: Vozes. 2022.

_____. *A busca da justa medida: como equilibrar o planeta Terra*. Petrópolis: Vozes, 2023.

Conferência Episcopal Austríaca. *DOCAT. Como agir?* São Paulo: Paulus. 2016.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. *Catequese Renovada: orientações e conteúdo*. São Paulo: Paulinas. 1983.

_____. *Iniciação à Vida Cristã – itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB. 2017.

Conselho Episcopal Latino-Americano - CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus. 2007.

_____. *La alegría de iniciar discípulos misioneros en cambio de época*. Bogotá: Celam. 2015.

Consejo Pontificio “Justicia y Paz”. *Compendio de la Doctrina Social de la Iglesia*. Bogotá: CELAM, 2006.

Francisco. “Litterae Encyclicae *Laudato si’* de communi domo colenda” n.º. 66-70. *AAS* v. 107, n.º 9 (2015).

²⁹ Boff, Leonardo, *A busca da justa medida*, 69.



- _____. *Mensagem do Papa Francisco à presidente da Pontifícia Academia das Ciências Sociais por ocasião da sessão plenária*. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170424_messaggio-accademia-scienzesociali.html.
- _____. “Adhortatio Apostolica postsynodalis Querida Amazonia”. *AAS*. v. 112, n.º 3 (2020): 231-273.
- _____. *Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social*. Carta Encíclica. São Paulo: Paulinas. 2020
- _____. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2020.
- _____. *Antiquu Ministerium, motu proprio*. Brasília: Edições CNBB. 2021
- _____. *Laudate Deum*. Exortação Apostólica. Brasília: Edições CNBB. 2023.
- Gesché, Adolphe. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas. 2004.
- Hobsbawn, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- João Paulo II. “Litterae Encyclicae *Laborem Exercens*”, *Acta Apostolicae Sedis* v. 73, n.º 9 (1981).
- Juan Pablo II. “Litterae Encyclicae *Centesimus annus*”. *AAS*, v. 80, n.º 10 (1991): 793-867.
- Messias, Elvis.; P. C. Cruz. *O Evangelho Social: manual básico da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulus. 2020.
- Paulo VI. “Epistula Apostólica *Octogésima Adveniens*” *AAS* v. 63, n.º 6 (1971): 401-441.
- Pontifício Conselho Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI)*. São Paulo: Paulinas. 2005.

Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização.
Diretório para a Catequese. Brasília: Edições CNBB. 2020.

Rieger, Joerg. *Lembrar-se dos pobres. O desafio da teologia no século XXI*. São Paulo: Loyola. 2009.

Rubio, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus. 2001.

VV. AA. *Docat O que fazer? A Doutrina Social da Igreja*. Navarra: Verbo Divino 2017, 13.